

REVISTA DE CULTURA

nº 6
1988

al
man
sor

CURVO SEMEDO

Textos escolhidos

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO

NOVO ENTREMEZ

INTITULADO
O MÉRITO PREMIADO,
OU
OS TRÊS ENGEITADOS.

ACTORES

Doutor Sisudo Letrado, Primo de
D. Briolanja Amante de
Pedro Palrante Petimetre.
Tomé Zarolho Alferes de Ordenanças.
André Pandorga Surdo; ambos Primos de
D. Briolanja.
Maria Nunes Amante de Zarolho.
Moquenca Criada de D. Briolanja.
Estevão Seringa Escrevente, e Amante de
Moquenca.
Esguicho Fiel de Feitos.

A cena se representa em casa do Doutor Sisudo.

CENA I

D. BRIOLANJA, cantando.

Amor se a teus laços
 Os pulsos entrego
 Perdendo o socego
 Do meu coração.

Não queiras que solte
 Suspiros em vão
 Protege socorre
 A vítima tua
 Qu'ansiosa flutua
 N'um mar de aflição.
 Não queiras que solte
 Suspiros em vão.

CENA II

Sai Moquenca.

Moq. Bravo bravo muito estimo,
 Foi-se-lhe a melancolia,
 Isto da gente ser noiva
 Infunde n'alma alegria.

Briol. Minha Moquenca mil vezes
 Um coração oprimido
 Quanto mais canta mais dobra
 O mal de qu'anda ferido.
 Em vão meu Primo se cansa
 Em ver se o meu gosto ilude.

Moq. Conte-me essas trapalhadas
 Que nunca entendê-las pude

Briol. Tu não ignoras que apenas
 Meu viuwo Pai morreu
 Fiquei Orfã na tutela
 D'um caduco Tio meu



*Casa, na rua do Calvário, em que, de acordo com a tradição,
nasceu Belchior Curvo Semedo*

Este qu'era muito rico
 Deixou-me tudo que tinha
 Com a triste condição
 De casar com sua linha:
 Porem por minha desgraça
 Só três sobrinhos deixou
 Dois que são riso da gente
 Outro em cuja casa estou
 Um dos tais dois já tu viste
 Quando à Corte um dia veio.

Moq. Bem me lembro...Ah! que demónio

Nunca vi mono mais feio.
 E o que é de tolo! Não sabe
 Dizer quatro razões juntas.
 Antes de ouvir qualquer coisa
 Faz setecentas perguntas.
 Olhe bem pobre sou eu
 Basta servir, mas por certo
 Que não casava com ele
 Nem de brilhantes coberto.
 Antes morte, que má sorte!
 Eu te arrengajo aventesma!
 E o outro que tal será?

Briol. Julgo qu'anda pela mesma.

Moq. Mas diga-me cá Menina

Como é isto? Não namora
 Esse rapaz de Luneta,
 Que veio da França agora
 Que diz que em toda a matéria
 Sabe falar de cadeira.
 Que fez ao nosso Escrevente
 Irmão da ordem terceira.

Briol. Sim Moquenca esse é quem
 rouba
 De minha alma o puro afecto;
 Porque no mundo não há

Um sujeito mais completo.
 Com sua sabedoria
 A Europa tem assombrado
 E estáuas lhe têm erguido
 Por onde tem viajado.
 Isto me mandou dizer
 Antes d'ontem n'um escrito
 E o nosso Escrevente, o mesmo
 Muitas vezes me tem dito.
 Desde menina educada
 Por mestre de puberdade
 Amo as artes, e as ciências
 Esteios da sociedade.
 Quando vejo um homem néscio
 Encho-me d'um certo horror.

Moq. Não sei como está Donzela
 Havendo tanto Doutor.

Briol. Meu Primo não é meu Pai
 E se lhe devo amizade
 Não é para constranjer-me
 Qu'eu tenho livre a vontade.

Por tanto estou resoluta
 A dizer-lhe rosto a rosto
 Que pelos bens de meu Tio
 Não sacrifico o meu gosto.

Moq. Senhora faz muito bem
 Acho-lhe toda a razão
 Há vida mais desgraçada
 Qu'aturar um Toleirão?
 O talento neste mundo
 É para tudo preciso
 Até para encher albarda
 É necessário juizo.
 Mas hoje seu Primo espera
 Gente de fora ao jantar.

Briol. São os outros meus dois
 Primos

Que se mandaram chamar.
 Hoje é o dia em qu'eu devo
 Fazer a minha eleição
 Ou ficar pobre sem nada,
 Ou dar a um deles a mão,
 Moq. Coitadinha, que desgraça
 Não há maior corriola
 Ou háde casar c' um bruto
 Ou ficar pedindo esmola.

Briol. Eis qual é o meu destino.
 Moq. E o seu amante que diz?
 Briol. Que morre se eu não for sua
 Moq. E inda se julga infeliz?
 Porem o seu Escrevente
 Ficou de cá o trazer... (Batem.)
 Lá batem: talvez que sejam:

Dê-me licença, vou ver. (Vai e torna.)
 Briol. Amor meu amor proteja
 E a meus temores dê fim.
 Moq. Que tal! é um de seus Primos
 Manda qu'entre?
 Briol. Mando sim.

CENA III

*Sai Tomé Zarolho de farda, e com um
 emplasto n'um olho.*

Zar. Deus seja aqui nesta casa.
 Quero falar a meu Primo:
 Qual das duas é a Noiva?
 Moq. Eu não.
 Briol. Nem eu.
 Zar. Muito estimo.
 Moq. Essa é boa ! porq' estima?
 Zar. Porque são pobres, e fonas
 E as de qu'eu gosto hão-de ser

Ou ricas ou valentonas.

Briol. Mas que sinais vos indicam
Q' em nós essas manchas há!

Zar. Pobres porque o fato é pouco
Fracas porque são de cá.

Briol. Se a fraqueza é próprio em nós
Não ser fraca é um defeito.

Zar. Quero Mulher varonil.

Moq. Como é lorpa.

Zar. Meu proveito.

Minha Avó paterna em Diu
Pôs os Mouros em derrota
E a Materna foi a grande
Padeira de Aljubarrota.
E hei-de com tal ascendência,
Mulher fraca desposar...?
Isso não: porque me pode
A casta degenerar.
O grande Tomás Zarolho
Não quer para casamento
Mulher qu' em vendo uma aranha
Entra a chamar por sâo Bento.
O seu mérito é constante
E basta qu'esteve um dia
Quase indo arrancar as barbas
Ao Grão Senhor da Turquia.
Pois no que toca a riqueza
Viu-se Alferes d' Ordenança
Com galão fino tão largo
Lá na minha vizinhança?
Alugo um soto em Punhete,
Em val escuro um palheiro.
Patos crio, Porcos tenho
E uma Burra de dinheiro
Moq. Diga-me, também tem Burro?
Zur. Eu não, porquê?
Moq. Porqu' então

Com Burro, e Burra podia
Ter de Burros criação.

Zar. Vamos ao que serve: a Prima
Agora onde está! qu'é dela?

Se me agradar, como é rica,
Talvez que case com ela.

Briol. Se esses são os seus intentos
Pode estar desenganado.

Moq. A senhora sua Prima.
Não quer nem vê-lo pintado.

Briol. Antes morte que tal sorte.

Zar. O' cadelas mal criadas
Põem-me semelhantes cousas
Nestas bochechas honradas:
Hei-de com esta Catana
Fazê-las ambas em postas. (*tira a espada para as investir.*)

Moq. A qu'e de El rei. (*Gritando, e fugindo com Briolanja.*)

Zar. Manicacas
Têm medo! voltam as costas?
A! minha Maria Nunes
Só tu a ninguém dás ancas,
Por menos pegas n'um pau
E este corpo me desansas.
Triste de mim se soubesses
Agora desta farçada,
Eras capaz de cá vir
E por-me o corpo em selada.

CENA IV

Sai o Doutor Sizudo.

Dout. Homem que motim foi este?

Zar. Qu'havia ser, não foi nada

Disseram-me atrevimentos
Ia havendo cutilada.

Dout. Cada vez estás mais tolo.

Zar. Eu cá sou filho da velha,
E ninguém té-gora ao Meco
Fez o ninho atrás da orelha.
Dezassete Castelhanos
Matei d'uma vez ao sôco
Porque tendo-os insultado
Um deles me tornou trôco.
Que se diria no mundo
Se eu sofresse ao mais pintado
A mínima bacatela
Sem o fazer em picado?
Pois sabes o que valeu
Àquelas duas vilosas
Foi fugirem-me, senão ... (*Irado.*)

Dout. Senão ... quê? (*Irado.*)

Zar. Punha-me às boas. (*Submissô*)

Dout. Tu tens bom génio. (*Com ironia*)

Zar. Eu bom génio?!? (*Irado.*)
Se audáncias vejo, ou presumo
Dou murro de criar bicho,
Tapona de botar fumo.

Dout. A primeira vez que encontras
Tua prima dar-lhe queres?

Zar. Minha Prima estava ali?
Fiai-vos lá em Mulheres!

Dout. Vem, vem pedir-lhe perdão.

Zar. Primeiro, diga-me cá
Tem muitos bens de raiz?
Que rendimento fará..?

Dout. Anda toleirão, que logo
Saberás o que quiseres. (*Vai-se.*)
Zar. Havia a gente poder
Casar com duas Mulheres. (*Vai-se.*)

CENA V

Sai Moquenca.

Moq. Eu te arrenego, maldito!
 Que tal é o melcatrefe
 Se tão depressa não fujo
 Pregava-me algum tabefe.
 Estava eu inda guardada
 Para tanta coisa ver! (*Batem dentro.*)
 Mas esperem que lá batem
 Quem será vamos saber.

CENA VI

Sai Estevão Seringa Escrevente.

Est. Senhora Dona Moquenca.
Moq. É um sujeito completo
 São boas horas de vir.
Est. Hoje é friado, é sueto
 Tua Ama onde está?
Moq. Por quê?
Est. Trago-lhe aqui um escrito.
Est. Do seu Taful?
Moq. Pois de
 quem
 Forte rapaz! Tenho dito.
 Até é Mestre em Direito
 Diz qu'ao Doutor provar quer
 Que a Prima pode herdar tudo
 E casar com quem quiser.
Moq. Pois ela espera-o cá hoje.
Est. Inda não tarda já vem
 Se isto se afectua, e casam
 Nós ambos ficamos bem.

CENA VII

*Entra Esguicho, Fiel de feitos e fica
ao pé da porta escutando.*

Est. Eu tenho armado uma ideia
Que penso que não é má.

Moq. Tu és um beliz.

Ets. Escuta
Há-de o meu Pedro vir cá.
E como o Patrão blasона
D'avarias que tem feito
Que faz do direito torto
E faz do torto Direito.
Deve o meu Taful dizer-lhe
Que depois de ter casado
Com uma herdeira, os Parentes
Querem tirar-lhe o Morgado
Dizendo, qu'o instituidor
Exclue todo o descendente
Da posse, e fruição dos bens
Não casando com parente.

Fiel. Que tal é o Badameco
Fiai-vos lá em ninguém!
Armando imbustes indignos
A quem deve tanto bem. (*À parte.*)
Viva a prática brilhante (*Entrando.*)

Est. Deixaste a porta no fecho! (*a Moquenca.*)

Moq. A' vezes tenho descuidos.

Fiel. Disso, disso é qu'eu me queixo.

Moq. A Deus, vou-me, que me chamam (*Vai-se.*)

Fiel. Bom sucesso regular.

Est. Ora pois, Senhor Esguincho
Temos contas qu' ajustar.

Fiel. Senhor Estevão Seringa
Não me fale em bagatelas.

Est. Venha o pinto qu'antes d'ontem
Me mandaram para yelas.

Fiel. Parovelhas dirá ele.

Est. Eu mangações não consinto

Pague, pague.

Fiel. Vá de ajuste.

Dou-lhe um frangão pelo pinto.

Est. Olhe qu'o leva ó Diabo.

Fiel. Fóra basófias, amigo

Você é fraco das gâmbias

Não ha-de poder comigo.

Est. Venha o pinto, olhe qu'o parto.

Fiel. Não me faça labirintos

Em deitando uma galinha

Em três semanas tem pintos.

Est. A' quer muchinga? ora tome. (*Lança-lhe as mãos ao pescoço.*)

Fiel. A' qu'e d'ELRei que me esgana.

Est. Hei-de matá-lo

Fiel.Pois mate.

Cá lhe farão a pavana. (*Com voz de choro.*)

Est. Anda ladrão. Torna a dar-lhe.)

Fiel.Quem me acode

Qu'o Seringa me desasa.

CENA VIII.

Sai o Doutor, e Zarolho.

Zar. Que pouca vergonha é esta!

Dout. Qu'é isto aqui nesta casa!

Fiel. Sejam vossas mercês todos

Muito boas testemunhas

Qu'em três partes no pescoço

Me fez sangue com as unhas. (*Limpando o pescoço.*)

Est. Quer querelar?

FielSim Senhor.

Est. Não lhe aceitam a querela.

Fiel. Quando o Escrivão é amigo

Sobeja uma arranhadela.

Dout. Ambos na rua, brejeiros.

Zar. Hei-de punir tanto insulto. (*Puxando pela Espada.*).

Assim se enxoalha a Casa

D'um Sábio Juris consulto.

Esperem qu'os parto ao meio,

Qu'esta famosa Catana

Como eu de Roldão sou Neto

É neta da Doridana.

Est. O sou Tabaréu d'um dardo

Quer que o coza a pontapés?

Zar. Isto não é c'o Senhor

Falava, ali co' freguez (*Apontando para Esguicho.*)

Fiel. Quem? comigo? sou jagodes,

Também você quer chibar.

Zar. Forte cousa, não se pode

Com esta gente brincar. (*Embaínha a Espada.*)

Dout. Não ouvem, ponham-se ao fresco.

Est. É boa desgraça minha

Maroto furtar-me um pinto

Hei-de levá-lo à Cazinha.

Fiel. Primeiro terei o gosto,

De o ver ir à cortesia

Com três voltas de cordão

Ver os presos da enchovia.

Est. Para um juramento d'alma

Citar quero este Ladrão.

Aqui vou dobrar papel

Note-me uma petição. (*ao Doutor.*)

Dout. Vão-se já com mil Diabos

Que tenho a cabeça tonta.

Fiel. Assine- me o Partacolo.

Est. Quero justa a minha conta.

Dout. A' vocês brincam comigo?

Ponham-se-me já na rua (*Tira o bastão da mão a*

Zarolho.)

Fiel. Escute.

Dout.O'culo rulorum.

Fiel

Est. Sim Senhor, qu'a casa é sua.

Fiel. Senhor Seringa descanse

Que eu lhe armarei o rabicho. (*Vai-se.*)

Est. O pinto ha-de parir pintos

Deixe estar Senhor Esguicho. (*Vai-se.*)

Zar. Se não olhasse prudente

O estar nesta casa honrada

Fazia os ossos aos dois

Mais miudos que selada.

Quando estou c'os meus azeites

Não me faz papo ninguém.

Dout. Vai para dentro despir-te

Vai que não me cheiras bem

Zare. Vou-me porque estou cansado

Que a pé cinco léguas vim

Se cá houver novidade

Não temas, chama por mim. (*Vai-se.*)

CENA IX

Sai Moquenca.

Moq. A menina quer falar-lhe.

Dout. Agora?

Moq. Em podendo ser,

Dout. E sabes para que fim?

Moq. tem cousas que lhe dizer

Mande-lhe a resposta.

Dout. espera.

Tu Moquenca, certamente

Dos segredos de seu peito

E's a fiel confidênci;a;

Por tanto deves saber

A quem mais sua alma estima.

Moq. Ai, Senhor, como se engana

Não conhece sua Prima.
 Aquilo é mesmo uma Rocha,
 Não conta nada a ningüém.

Dout. Não creio que tu ignores
 A pessoa a quem quer bem.

Moq. Não Senhor, inda até-gora
 Não vi por onde perdesse.

Dout. Não te fala em mim! que dizes!
 Meus extremos desconhece?

Moq. Ela a falar a verdade
 Não desgosta do Senhor,
 Mas também me dá indícios
 De que lhe tem pouco amor.

Dout. Frustrará esta inumana
 Tanto disvelo e cuidado
 Com que desde a tenra idade
 A tenho sempre tratado?

Moq. Olhe se eu fosse a Senhora
 Com outrem não me cansava
 Juntava-se o que era d'ambos
 E tudo em Casa ficava. (*Batem à porta.*)

Pand. Paz é, paz é, estará (*Dentro.*)
 Em casa o nosso Doutor.

Dout. Lá batem.

(*Moq.*) Vamos saber
 Quem nos faz tanto favor.

CENA X

*Entra André Pandorga encostado a
 uma bengala, e com uma Trombeta
 na mão para ouvir.*

Pand. Deus nos dê paz e saude

Dout. Sejas muito bem chegado

Pand. Deus me livre? isto é gordura.
 Mal de mim se fosse inchado.

Dout. Não é n'isso que te falo. (*Gritando.*)
Coitado, não ouve nada. (À parte.)

Pand. Se vim a cavalo, vim
 Na minha Burra malhada,
 Por sinal qu'a albarda é nova
 E deixou-me bem magoado.

Moq. Por que não veio de sela?

Pand. Milhorzinho tem passado.

Dout. cada vez estás mais surdo.

Pand. O que dizes?

Dout.Que não ouves.

Pand. Com toucinho não são más.

Moq. Julgou que falava em couves. (*Rindo.*)

Dout. Já não te posso aturar. (*Vai-se.*)

Moq. Nem eu. (*Quer ir-se.*)

Pand.Sio, sio, venha cá.

Moq. Não tem contratos comigo.

A Deus, a Deus. (*Indo-se.*)

Pand.Tome lá.

Moq. O que me quer dar? vejamos. (*Tornando, e aparando a mão.*)

Pand. Um presente de enche mão
 Aqui tem este marmelo
 Perdoo a limitação. (*Dá-lhe um Marmelo que tira da algibeira.*)

Moq. O' sumítico d'um dardo
 Isto é cousa que se meta
 Na mão de ninguém? sovina?
 Nem que eu fosse alguma Preta. (*Atira fora o marmelo.*)

Pand. Perdoe, perdoe, minha jóia,
 E visto que está sozinha
 Dou-lhe uma Carinha d'outo
 Se cantar uma modinha.

Moq. Se dá duas inda ainda. (*Gritando.*)

Pand. De modinhas gosto tanto.

Moq. Digo se dá duas d'outo

Pand. Eu entendo, eu também canto.

Moq. Venha o gimbo para a mão. (*Aparando.*)

Pand. Que é isso, já quer dinheiro.

Moq. Sim Senhor. (*Acenando a cabeça.*)

Pand.Não, que me engana
Há-de cantar-me primeiro.

Moq. Olhem o que é de seguro!
Que me dizem ao laberco.
Canto, que se pega pega
Se não também nada perco

C A N T A

Tu Amor és cozinheiro
Fazes molhos saborosos,
E guizados tão gostosos
Que nos matam de prazer.
Eu que sou do mesmo ofício
E como tu não temporo:
Alguns guizadinhos quero
Hoje contigo aprender.

Pand. Então não canta a modinha?

Moq. Porque não me ouviu cantar?

Pand. Ande, cante.

Moq.Já cantei. (*Falando-lhe à trombeta.*)

Pand. Aquilo foi só rosnar.

Moq. Que tal é o desaforo.

Dão-me de entrar promissão? (*Dentro.*)

Moq. Vamos ver quem bate à porta.
Deixa entrar paparrotão. (*A Pandorga: Vai, e volta.*)

CENA. XI.

*Sai Pedro Palrante de lunela presa
ao pescoço, orelha com argola.*

Ped. O' sapientíssimo Doctor
Vude jacet?

Moq. Fale claro

Pand. Não ouço o qu'o Senhor diz

Ped. Como é o Públlico ignaro! (Exclamando.)
Demando se na meson

Está o jurisperito

Se está para mim é gáudio

Se não changrem infenito.

Moq. De estrangeiro nada pesco
Eu vou chamar o Senhor

Qu'andou também por Estranja

Há-de entendê-lo melhor. (Vai-se.)

Ped. Que tal! que tal! por Estranja
Que bronca inata estultícia. (Passeando.)

Pand. O' meu Senhor, meu Senhor. (Atrás de
pedro.)

Ped. Só se propaga a malícia. (Sem fazer caso.)
Anda a ignavia adita aos Entes. (Passeando.)

Pand. O' meu Senhor, meu Senhor. (Atrás de
Pedro, puchando-lhe pela casaca.)

Ped. Raros filólogos vejo.

Pand. Quer-me fazer um favor?

Ped. Que empertinência é a tua!

Pand. Cante, cante um bocadinho.

CENA XII.

Sai Estevão Seringa.

Est. Não esperou Senhor Pedro.

Ped. Non que j'aime andar sózinho.

Est. Diga-me, não me tirou

Lá de casa esta manhã,
Umas fivelas de prata
E um chale de minha Irmã?

Ped. Eu não.

Est.Eu não, é boa!
Lá não entrou mais ninguém.

Ped. Hipoteseie que sim,
Então isso lá que tem?

Est. Que tem? tem andar eu hoje
C'os sapatos sem fivelas.

Ped. Deixe qu'em eu nupciando
Não há-de restar sem elas.

Est. Pois hei-de esperar por isso.
Obrigado ao seu favor.

Ped. Será mais jour menos jour.

Pand. O'meu senhor meu senhor.

Ped. Qu'imploras matéria informe.

Pand. Cante cante uma modinha.

Ped. Canto por mostrar-te o muito
Que é vasta a ciência minha.

C A N T A

Um portento científico
É o meu composto orgânico:
Sou Químico, sou Botânico,
Bom Poeta, bom Gramático
Canonista, e Matemático,
Genealógico, Teólogo,
Óptico, Hidráulico, Astrólogo.

CENA XIII

Sai o Doutor Sisudo.

Pand. Então a prima não vem?
Dout. Que doido é este?

Pand.Pois quando?
Ped. Calem-se com Belzabu.
 Não vem qu'estou mudulando.

Continua a cantar.

Sou Jurista, sou Geógrafo
 Em Mar e Terra bom táctico
 Grande escultor Grande Ortógrafo
 No jogo das armas prático
 Pintor, Músico, Retórico
 Brauniano sábio Médico
 Bom Picador, bom Histórico
 E um perfeito Enciclopédico.

Est. Bravo bravo. (Antes de acabar Pedro as últimas palavras.)

Pand.chame a Prima.
Dout. Isso merece uma vaia.
Ped. Vão parlar a Estigie escura.
Dout. Vá você cantar à praia.
Ped. O' Senhor Juris-prudente. (Reparando no *Doutor*.)
 Pardoné tanta ousadia
 Tenho arcanos qu'intimar-lhe
 Falar-lhe só pertendia.

Dout.. Sim Senhor, venha comigo
 Para um quarto mais oculto,
Ped. Remercio tanto obséquio.
 Ao Senhor Juris-consulto. (Vai para dentro.)
Pand. O' meu Senhor meu Senhor. (a *Estevão*.)
Est. O qu' intenta que lhe faça.
Pand. Ora cante um bocadinho.
Est. Eu cá não canto de graça.
Pand. Eu também aprendi solfa,
 Cheguei ao dó, ré, mí, fá.

C E N A XIV

Sai Moquenca.

Moq. Bem vindo Senhor Estevão.
Est. Como passastes por cá?

Moq. Muito mal depois que sube
Que brigaste c' o Fiel.

Dst. Brigar chamas tu aquilo.

Moq. Deixa-me qu' estou de fel.

Pand. Ó meu senhor meu Senhor.
Diga-me se sabe cantar?

Dst. Ele torna co'a veneta,

Moq. Olhe ouviu, vá bugiar. (*a Pandorga.*)
Sabes este é um dos noivos (*a Estevão.*)

Que pertendem a Senhora,
O outro já tu aqui viste
O Doutor armou-lhe a nora.
Pertende-a, e dá-lhe a escolher
Ou um, ou outro estupor;
Porque vê qu'à vista d'ambos
Fica ele sendo uma flor.

Est. Mas toca a mudar de folha
Você quer, ou não ser minha.

Pand. O' menina faz-me o gosto
Quer cantar uma modinha?

Est. Assim é, dá-me, cantando,
Resposta ao que te progunto.

Moq. Pois sim com tanto que venha
O teu sentimento junto.

C A N T A

Se amor quiser qu'eu morra
Ninguém ninguém me acuda;
Porque com tua ajuda
Seringa da minha alma
A' vida tornarei.

Estevão Canta.

Se morto de ternura
 Na cava sepultura
 Me derem novo alento,
 Do Nume fraudulento,
 As mágicas meiguices,
 Apenas começares
 Com tuas Moquenquices
 De novo morrerrei.

Moq. Seringa

Est.Moquenca

*Ambos. Vá feito, vá feito,
 Em meu terno peito
 Constância terei.*

*Pand. Estão processos! que pena!
 Fazendo tanta visagem
 Antuérpia, vade retro. (Dá uma pancada forte nas
 costas de Estevão.)*

*Est. Que é isto? fora selvagem
 Olha que te arranco as ganas
 Moq. Ora esperem qu'eu lho digo
 Quer ouvir cantar. (fala-lhe à trombeta.)
 Pand.Pois não
 Ande cá venha comigo. (Pega-lhe no braço: Vai-se, e
 Pandorga.)*

C E N A XV.

Sai Pedro com um papel na mão.

*Ped. O homem caiu na esparrela.
 Escreveu-me em letra gótica
 Que se não deve cumprir,
 Por ser a cláusula exótica.*

Est. Qu' itenta fazer agora?

Ped. Vou tratar do casamento

E quando oporse-me queira
 Co' seu voto lhe argumento.
 Mas espero qu'ele mesmo
 Esta causa me defenda.

Est. Olhe qu'ele é muito gírio:
 Tome conta não o intenda.

Ped. Diga-me ingénuo uma coisa,
 Anda agora endinheirado?

Est. Porquê?

Ped.La bourse esqueceu-me,
 Quero um quartinho emprestado.

Est. Só tenho uma peça inteira
 Mas de pressa a vou trocar.

Ped. Se ma despensasse toda ...?

Est. Tenho onze pintos a dar.

Ped. A Dieu.

EstNão caio em caurins. (Vai-se)

CENA XVI

Sai Monqueca

Moq. Sou uma sua Criada.

Ped. Minha odorífera rosa.
 Seja mui bem arrivada.

Moq. Eu não sou rosa, o meu nome
 Tem bem pouco de bonito.

Ped. Minha flor pardoe a audácia.
 Leva a Madama um escrito?

Moq. Levo pois não, basta o quanto
 Generoso me parece; (Aceita o escrito)
 Porque eu nunca tal faria
 Senão por muito interesse.

Ped. Eu bem quisera ofertar-lhe
 Cem auríferos dobrões
 Mas a bolsa, por olvidio
 Ficou-me n' outros calções,

Mas do Britano Paquete
Um chale lhe trago aqui. (Tira o chale que dá
a moquenta.)

Moq. Deixe ver como é galante.
Ped. Coisa melhor nunca vi,
Mandei-o vir de Gibraltar,
E custou lá cem Chelins, (põe Moquenca o chale.)
Isto é génio, eu cá não posso
Fazer dádivas ruins.

CENA XVII

Sai Briolanja

Briol. Ditoso encontro,
Ped.Má belle
Eu vou expor-vos o quanto
Quest' anima vostra sente
Em doce altisono canto.
Briol. Ouvir-vos-ei transportada,
Ped. De vossa alma os sentimentos
Exponde também comigo
Em unísonos acentos.

CANTA

Geram teus olhos
Teu lindo aspecto
Um doce afecto
No coração.

Ambos.O Céu proteja
Nossa união.

Briol. (Canta)
De Amor vivia
Meu peito isento,
Eis num momento
O Deus temível

Do teu plauzivel

Merecimento,

Forma a Cadeia

Com que me enleia

O Coração.

Ambos.O Céu proteja

Nossa união.

Ped. Faze faze (*Cantando tosse.*)

Que pigarro! (*Representando.*)

Se me aditou a garganta!

Qui vous semble ma voix?

Briol. Bem

Ped. Melhor do que eu ninguém canta.

Dout. Moquenca onde estás, não ouves? (*dentro.*)

Briol. Lá chama o primo Doutor,

Ped. Vou-me: a Dieu.

Briol. A Deus meu bem. (*vai-se*)

Ped. Faze a entrega.

Moq. Sim Senhor.

C E N A XVIII.

Sai o Doutor

Dout. Moquenca onde estás?

Moq. Que manda?

Dout. Vai tu dizer à Senhora,

Que para coisa importante

É preciso vir cá fora. (*vai-se Moquenca.*)

C E N A XIX.

Sai Zarolho agarrando com a mão

esquerda pelo colarinho a

Pandorga, com

a espada nua na outra mão.

Zar. Valha-o maiés de mil Diabos.

Feito meu opositor,
Ou há-de ceder da noiva
Ou morrer.

Pand.Eu não Senhor,
Dout. Primo qu'histórias são estas?
Que nunca hás-de ter descanso!
Zar. É cá o amigo, qu' intenta
Tirar-me a noiva do lança.

Dout. Pois olha a primeira vez (Irado.)
Que te vejo rezingar,
Com um pedaço d'um pau
Hei-de-te o corpo arrochar.

C E N A XX.

Sai o Fiel dos Feitos.

Fiel. Senhor Doutor.

Dout.Que procuras?

Fiel. Quero fazê-lo ciente
Da tramoia que lhe armou
O brejeiro do Escrevente.

Dout. Pois como assim!

Fiel.Eu lhe conto
Um tal Pedro muito esperto.

Dout. Anda cá para o cartório
Que estamos mais a coberto. (*vão-se.*)

Zar. Vamos a impô-lo, que só
Quero no campo ficar
Qu'à falta d'homens por força
Hão-de comigo casar.

Pand. O' Primo. Primo, não ouves?
Cante agora uma modinha.

Zar. Bom teremos cambalacho,
Agora faço eu a minha.

Pand. Cante um bocadinho, cante.

Zar. Cantarei co'a condição
De qu'hás-de ceder da noiva:

Estás por isso?

Pand. Pois não,

Zar. (Canta.)

Mudou de espada Oliveiros

Para vencer Ferrabrés:

Eu sem armas, uma sova

Dei no Gigante voráz:

De empresas maiores

Me sinto capáz,

E até de fazer-me

Gigante voráz.

Pand. Isso não.

Zar. Pois que querias

Olha que te dou dois murros.

Pand. Eu queria ouvir cantar,
Não arremedar os Burros.

Zar. O' Patife.

C E N A X X I

Sai o Doutor, e o Fiel.

Dout. Vai-te a Deus. (*Ao Fiel que se vai.*)

Zar. Valeu-te a minha bondade....

Dout. Que desgraça! minha Prima

Ter tanta leviandade! (*Pensativo.*)

Mas eu lhe dou o remédio,

Eu a faço decidir,

Qu'assim frustro os dolos todos:

Primos queiram-me seguir. (*Aos dois.*)

Zar. Anda comigo Pandorga.

Pand. Tu vês mais que eu. (*Olhando-lhe para a cara.*)

Zar. Como assim!

Pand. Eu em ti só vejo um olho;

Porem tu vês dois em mim (*Vão-se.*)

C E N A XXII.

Sala magnífica com cadeiras e uma mesa com livros em cima: papel e tinta; Doutor, D. Briolanja, Zarolho e Pandorga.

Dout. Prima, eu lhe chego cadeira (*a Briol.*)
Sentemo-nos.

Briol.Sim meu Primo. (*Sentam-se.*)

Dout. Prima vós não duvidais
Do muito que vos estimo,
Qu'unicamente procuro
A vossa felicidade,
E que não quero,nem devo
Constranger vossa vontade:
Já do vosso, e nosso Tio
Os três únicos parentes,
Donde haveis tirar o Esposo
cara Prima estão presentes,
No seu legal testamento
Nosso Tio isto mandou:
Aliás ficais privada,
Da herança que vos deixou.

Briol. Meu primo pois não quereis
Constranger minha vontade,
Eu devo perante vós
Falar com sinceridade.

Dout. É quanto de vós pertendo
Mas antes da decisão,
Devereis de vossos primos
Ter exacta informação.

Zarolho anda cá. (*a Zarolho.*)

Zar.Que mandais (*Ergue-se.*)
Dout. Dize os méritos que tens,
Dignos de te dar a posse
De minha Prima, e seus bens.

Zar. Em primeiro lugar sou (*Muito inchado.*)

Um Alferes d'Ordenança,

Dout. Isso nada te engrandece

Zar. Mas dá-me muita chibança

Só em Alverca dos Alhos,

Possuo sete casais.

Dout. Por sinal que são de Pombos,

Zar. E tenho outras coisas mais,

Perdi n'um combate este olho.

Dout. Esse arrancaram-to quando

A' porta as noites passavas

A vizinhança espreitando.

Zar. Ganho muito em criação.

Dout. Não tens qu'alegar mais nada?

Zar. Por quê! tanta coisa é pouco?

Dout. Não vale tudo uma pada.

Pandorga chega-te cá. (*Acenando a Pandorga.*)

Zar. Onde é a sua oxaria.

Dout. Está bom: caluda agora.

Zar. É boa patifaria. (*Rosnando senta-se.*)

Dout. Vem cá Pandorga, não ouves.

Pand. Isso é comigo? (*Ergue-se.*)

Dout.Vem cá. (*Acenando-lhe.*)

Bens, e prendas patenteia.

Pad. Eu por mim não se me dá.

Dout. Dize os teus merecimentos.

Pand. O' Prima faz-me o favor

De cantar uma modinha.

Que responde?

Briol.Eu não Senhor.

Pand. Inda bem, vamos a isso,

Não tenha de mim vergonha,

Deixe beijar-lhe a mão-zinha. (*Beija-lhe a mão.*)

Dout. Ah, cão que tens muita ronha.

Pand. O' Primo cante também.

Dout. E porque não cantas tu. (*Falando-lhe à Trombeta.*)

Pand. Eu só canto como Galo.
Quer ouvir? Cucurucú. (*Cantando.*)

C E N A XXIII.

Sai Pedro Palrante.

Ped. Senhor Doutor primission,
Mademoisselle, bon soir,
Sans façons, aqui me assento
J'ai l'honneur de vous revoir. (*Senta-se.*)

Dout. Que pertende nesta casa?

Ped. Um conselho.

Dout.É muito esperto,
Amigo vem enganado
O inigma está descoberto.

Ped. Pois então falemos claro
Quero casar com Madama.

Dout. E sabe a sua vontade?

Ped. Sei quanto estes laços ama.

Briol. Sim meu Primo, eu não pertendo,
Pois que tenho liberdade,
Fazer, por Caducos bens
Sacrifício da vontade,
Só a quem, minha alma adora
Quero dar de Esposa a mão,
Possuindo o que desejo,
Quer seja pobre quer não.

Ped. Fort bien Madame, fort bien,

Dout. Prima eu sou vosso Tutor,
E devo impugnar-vos, quanto
Para vosso bem não for.
Reparai que ficais pobre
Fazendo um tal casamento,
O gosto expira, e só resta
O triste arrependimento.

Ped. Inda que Mademoisselle

Case comigo, não perde
Os bens que deixou son oncle
Que não há Lei qu'a deserde.

Dout. Se a condição não preenche
Não lhe dão direito as Leis.

Ped. Por vossa mão tenho escrito
O inverso do que dizeis.

Dout. Nós cá os jurisconsultos
Muitas vezes escrevemos
Por interesse, ou capricho
O inverso do que entendemos.
Em fim como seu Tutor
Devo primeiro indagar
Quem vós sois, de que viveis,
Se tendes com qu' a tratar.

Ped. Pedro Palrante me chamo,
Nom plus ultra da ciênciia
Mestre em Artes, mestre em Línguas
Em fim sei tudo.

Dout.Paciênciia,
Diga-me cá outra cousa,
Que bens tem?

Ped.Sabedoria
Omnia mea mecum porto,
Bem como o Sábio dizia.
I speak English veri well,
Je parle francois aussi
Ich i preche Deutcech, e parlo
Italiano cossi.

Dout. Foi fortuna o conhecê-lo
E pois que sabe Alemão
Tenho aqui as Obras de Haller
Ouçamos a tradução. (*Dá-lhe um livro.*)

Ped. Isto é Grego.

Dout.Grego é ele!
E Ingêis sabe?

Ped.Isso mui bem,
Fui Mestre em Londres.

Dout.Melhor.

Traduza um pouco aqui tem. (*o mesmo.*)

Ped. Survey...Survey

Dout.Para dentro;

Está bom tenho intendido.

Ped. Não traduzo há longos evos.

Dout. Bem vejo, tem-se esquecido

Em línguas temos nós feito

Bastantes experiências,

Vejamos se é tão perito

Nas Artes,e nas ciências.

Sabe Direito?

Ped.Isso muito.

Dout. Onde o leu?

Ped.Em Furcroa.

Dout. Bravo! Então Quimica em Pegas,

Ou Paiva, e Pona lerá!

Briol. Perplexa estou do que vejo,
Minha ilusão me atormenta. (*à parte.*)

Dout. Sábio de orelha, e tão asno,
Que nem a frase sustenta. (*à parte.*)

Entende Algebra?

Ped.Sou Mestre.

Dout. Resolva-me esta equação

$3 + \frac{a}{s} = X$ (Fazendo acção de lhe dar papel, e tinta para
escrever.)

Ped.Não,
Mesmo de cór faço eu isso.

Dout. Veja lá no que se mete.

Ped. Multiplico por três.

Dout.Ouçamos.

Ped. Três vezes três vinte sete.

Dout. Que miséria, coitadinho,
Nem sabe multiplicar.

Zar. Que diz meu Primo? isso é certo:
Então não pode casar.

Dout. Ora pois já que o Gigante

Pelo dedo conhecemos

Um conselho quero dar-lhe.

Ped. Se é gratis, diga, ouviremos.

Dout. Ponha o seu nome em Latim.

Ped. E essa versão que me rende?

Dout. Chamar-se Petrus in cunctis
Et nihil ...Não sei se entende?

Ped. Trez obligez (*Com ironia.*)

Dout.Minha prima
E esta foi a eleição vossa?

Um néscio, tolo, e sem ter
Com que sustentar-vos possa?

Ped. Voce insulta-me?

Dout. Insulto.

Ped. Pois é capaz meta mão. (*Tira o florete.*)

Dout. Eu vou. (*Tira a bengala a Pandorga e vai sobre
ele.*)

Briol. ... Meu Primo ai que eu morro.

Zar. Acudam que é convulsão. (*Cai desmaiado, e
Zarolho a suspende.*)

Moquenca anda cá traze água.

CENA XXIV

Sai Moquenca

Moq. Qu'é isto que aconteceu,
Meu amo posto a brigar..

Ai qu'a Senhora morreu (*Vai-se.*)

Segura Pandorga em Briolanja: Zarolho tira a Espada, e
De longe anda a querê-los apartar.

Ped. Faça jogo olhe que o mato. (*Fugindo.*)

Dout. Qual jogo nem meio jogo. (*dando-lhe.*)

Zar. Meta pernas toleirão,
Que lhe vão tocando a fogo.

CENA XXV

*Sai Moquenca com um frasquinho
na mão, e copo com água.*

Moq. Ai quem acode à Senhora.

Zar. Olha qu'a Prima morreu. (*Chamando o Doutor.*)

Doutor.

Dout.Que dizes a Prima?

O que foi qu' aconteceu? (*Assustado.*)

Ped. Pícaro tem medo! foge.

Zar. Senhor suspenda essa fúria.

Não vê morta minha Prima?

Ped. Hei-de punir tanta injúria!

Zar. Por quem é deixe-se disso
E àquela desgraça acuda.

Ped. A' frágeis, e imbeles já

Bisonham da minha ajuda!

Vá buscar papel e tinta. (*Com império a Zarolho.*)

Zar. Senhor aqui tem (*Traz papel e tinta.*)

Ped.Dê cá. (*Ecreve.*)

Corra depressa à Botica

Que lhe dêem isto já já. (*Dá-lhe a Receita e vai-se Zarolho.*)

Dout. Minha prima está melhor?

Briol. Ai de mim melhor estou.

Dout. Com a vossa amada vida
A minha vida tornou.

Pand. Ela a modo que já fala.

Briol. Já da minha indiscrição

Arrependida, meu Primo, (*Ajoelhando diante do Doutor.*)

Peço a vossos pés perdão.

Dout. Levantai-vos cara Prima
Desculpo a vossa inocência,
Gera às vezes nossos erros
A falta de experiência.

CENA XXVI.

*Sai Zarolho apressurado em
ar de aflição.*

Zar. Safa!de boa escapei
Em mim já isto é fadário.

Dout. Que tens!

Zar.Por um triz agora,
Que não mato o Boticário.

Dout. Conta lá

Zar.Dou-lhe a receita
E assim que nela repará
Diz à! vem mangar, e deu-me
C'uma garrafa na cara.

Dout. E a receita ficou lá?

Zar. Sempre a trouxe por cautela
Para me servir de prova

Em dando a minha querela.

Dout. Dá-ma cá.

Zar.Toma, ela aí.

Dout. Por letras, creio que tem,
Molhos de vides! vejamos
Se percebo o que contem.

Receita.

Respice tártaro e metico (*Lendo.*)

Dez grãos. Xarope de Aveia

Seis onças; d'oximel quatro,

Item d'ópio libra e meia.

Se minha Prima tomasse (*Representando.*)

Esta Receita, que li

N'um momento arrebentava.

CENA XXVII.

Sai Estevão Seringa

Est. Estimo topá-lo aqui (*a Pedro.*)
 Agora sube dos roubos,
 Que me fez esta manhã,
 Além das minhas fivelas
 E o chale de minha Irmã.

Moq. Será este (*Mostra o chale.*)
Est.Dito e feito.

Grandíssimo ladrão...
 Queria armar-me outra embofia
 Pilhar-me uma peça à mão.

Moq. Senhor Pedro, cem Chelins. (*Com ironia mostrando-lhe o chale.*)

Est. Há-de ir daqui amarrado. (*a Pedro.*)
Dout. Estevão tu ignoras

Quanto me tens agravado!
 Além disso bem conheces
 Que tens de mim precisão
 Perdoa àquele infeliz
 Troco perdão, por perdão.
 Avalia os ténues roubos
 Que a pagar-tos pronto estou,
 Sirva-lhe de indulto o quanto
 A' minha Prima agradou.

Briol. Confundida a vosso pés
 Vos peço outra vez perdão. (*Com voz de choro.*)
A vós me entrego, sou vossa
 Não queirais que eu chore em vão.

Pand. Faz bem nupciar com seu Primo.
Dout. Amo a vossa aprovação.

Ped. Eu poupar não a queria.
Zar. Cale a boca toleirão.

Dout. Dai-me a vossa mão formosa
 Meus extremos premiai (*a Briolanja.*)

Briol. Ei-la aqui, meu bem, com ela

Meu coração aceitai.
 (Zarolho tira a Espada, e entra a saltar
 diante dos dois dando cutiladas no ar.)
 Zar. Qu'é isto? eu que sou mais velho
 Hei-de sem noiva ficar,
 Largue seu Primo d'um dardo
 Qu'eu é que me hei-de casar.

CENA XXVIII.

*Sai Maria Nunes de Capa e Lenço,
 pucha por um molho de correias, e
 entra à pancada a Zarolho traçando
 a Capa.*

Mar. O' maroto
Zar.Ai quem me acode.
Mar. Há maior patifaria
 Com quem quer casar bregeiro?
Zar. Contigo minha Maria. (*Lança a Espada no chão,
 e ajoelha diante dela.*)
Mar. Para que mais não intente
 Fazer-me outra falcatura
 Já e já dê-me essa mãos. (*a Zarolho.*)
Zar. Pois não Maria ela é tua. (*Dá-lhe a mão.*)
Moq. Senhor Estevão Seringa
 Chega agora a ocasião
 De me cumprir a palavra.
Est. Sim toma lá esta mão. (*dão as mãos.*)
Ped. Envergonhado, e corrido
 Estou do meu proceder.
Dout. Far-te-ei feliz se às palavras
 A emenda corresponder.
Pand. Só de mim todos se esquecem
 É forte desgraça minha
 Nem caso, nem me dão nada.
Dout. Cantamos-te uma modinha.
Moq. Pilhei-te.

Est. Estou bem pilhado.

Zar. Não me apertes tanto a mão.

Dout. Vamos todos aplaudir

Esta ditosa união.

Cantam todos.

Gratos Hinos entoemos

Em coro a Jove Sagrado,

Que a apesar de enganos vemos

O mérito premiado.

FIM